

Dia da Diocese de Viana

Dia 03 de Outubro de 2021

Saúdo o Pe Vigário Geral, Pe. Fila José;

Saúdo o nosso Padre Domingos Pestana, o Vigário Episcopal para a Pastoral;

Saudação especial para todos os Párocos, Vigários Paróquias e Reitores dos Centros de Pastoral;

Uma atenção especial para as nossas irmãs religiosas que com alegria vão testemunhando a beleza dos seus carismas nas nossas Paróquias;

Saúdo com todo reconhecimento os nossos catequistas das nossas Capelas e também os catequistas paroquiais;

A vós Coordenadores e os respectivos membros dos diversos grupos apostólicos, associações, sóis a riqueza da nossa Igreja;

Aos diversos movimentos juvenis e às crianças presentes em diversos organismos;

A todos vós, filhos e filhas desta Igreja diocesana de Viana;

A todos, a modo franciscana, saúdo: Paz e bem!

1. Estamos reunidos, nesta assembleia eucarística, para celebrar o dia da nossa diocese, a Diocese de Viana. O Dia da Diocese é, por natureza, um momento especial de encontro de todos nós que constituímos a Igreja Particular de Viana: bispo, padres e diáconos, religiosos e religiosas, leigos das nossas Paróquias e Centros, membros dos vários movimentos, associações ou instituições eclesiais.

Este dia é ocasião de acção de graças por aquilo que somos e por aquilo que fizemos ao longo de um ano pastoral tão difícil que exigiu a todos e cada um esforço, capacidade de adaptação e sobretudo muita fé e paciência. Convosco e por vós, quero dar graças a Deus pelo trabalho que foi possível realizar-se e sobretudo porque Deus, nosso Pai, nos protegeu e ajudou a crescer na fé e na esperança, não obstante as dificuldades de vária ordem.

Como família diocesana queremos continuar a crescer na fé que os nossos antepassados nos transmitiram. Queremos, com memória grata, evocar todos aqueles que serviram a diocese, de modo particular o nosso querido Sr. Dom Joaquim Ferreira, primeiro bispo de Viana. Tantos foram os clérigos, religiosos, religiosas e leigos que acreditaram e falaram da fé e a testemunharam com o exemplo de dedicação das suas vidas. Eles são as verdadeiras raízes que tornaram possível que esta Igreja se fosse construindo até chegar a ser esta árvore bela que hoje é. Por todos eles estamos gratos a Deus. Eles foram os nossos pais que nos levam até Cristo, a fonte da verdadeira vida.

2. Caros diocesanos e diocesanas, desta festa até a do próximo ano teremos como “*pano de fundo e compromisso*” um olhar atento à **família** e, de modo particular, para as crianças que são a flor mais bela família e a esperança da sociedade e da igreja. Teremos como compromisso o tornar possível o lema: uma “*Diocese que caminha de mãos dadas com as suas famílias*”.

A Palavra de Deus deste domingo – como que a vir de propósito – apresenta-nos uma rica reflexão e conscientização sobre a condição de “*discípulo e missionário*” de Jesus Cristo que o sacramento do baptismo confere a toda pessoa que o recebe. Providencialmente, a liturgia deste dia recorda a missão primordial do ser humano: *criar laços, viver em comunhão*. E uma

das expressões mais privilegiadas dessa missão primordial é a **vida matrimonial**, pois permite o máximo de **comunhão** entre o **HOMEM** e a **MULHER**, a ponto de tornarem-se uma só carne. É essa a temática que une a primeira Leitura e o Evangelho.

Para suprir a solidão do homem, **Deus continua a criar**; pensa numa criatura que seja “*correspondente*”, quer dizer, semelhante (v. 18b). Como possível solução, Deus criou os animais e conferiu ao homem a capacidade de dar-lhes os nomes (v. 19). Dar o nome a um ser, na Bíblia, significa ter poder sobre ele. Desse modo, Deus torna o homem também “*sujeito da criação*”. O homem, porém, não encontrou entre os animais nenhum ser com quem pudesse fazer comunhão, continuando incompleto, solitário e, conseqüentemente, infeliz (v. 20).

Ao dar-se conta de que os animais não são capazes de suprir a solidão do homem, **Deus providencia a criatura semelhante** (v. 21-22). A imagem da costela tirada do homem significa a igualdade da mulher, em essência e dignidade; logo, não pode ser usada para justificar inferioridade ou submissão. Significa também a capacidade e a necessidade de relação para encontrar a felicidade.

Ao **ver a mulher**, o homem exclama, sentindo-se, finalmente, completo e realizado (v. 23). A declaração final do texto (v. 24), além de fundamentar o modelo de matrimônio monogâmico e indissolúvel, confirma que a realização plena do ser humano passa pela relação com o outro. Independentemente do estado de vida, o **ser humano** - homem e mulher - **precisa de comunhão**.

3. O **Evangelho** deste domingo está inserido no **CONTEXTO** do caminho de Jesus com seus discípulos para Jerusalém, cujo desfecho será a paixão, morte e ressurreição. Enquanto caminham, Jesus ensina e é constantemente confrontado tanto pelos seus discípulos quanto por opositores declarados, como os fariseus.

Desta vez, o confronto diz respeito à **legitimidade do divórcio**: os **fariseus** perguntam se é permitido ao homem divorciar-se da mulher (v. 2). A pergunta deles é maliciosa; o objectivo é pôr Jesus à prova para posteriormente acusá-lo. Como fiéis observadores da Lei, já tinham opinião formada e conhecimento a respeito desse tema. Por isso, Jesus, na sua resposta, remete ao que Moisés ordenou (v. 3), e eles replicam, confirmando (v. 4): de facto, Moisés “*permitiu ao homem dar certidão de divórcio à mulher e despedi-la*” (Dt 24,1-4). Jesus, todavia, recorda o motivo da concessão de Moisés: “*a dureza de coração do povo, ou seja, o pecado*” (v. 5).

A vida **regida** pela Lei não corresponde aos propósitos originais da criação. A Lei foi dada para corrigir. Jesus não veio ao mundo para conformar-se à Lei, mas para **recuperar o projecto da criação**, com a instauração do Reino de Deus. Por isso, Ele orienta seus interlocutores para o começo da criação (v. 6-9): “*Deus criou homem e mulher e os uniu em perfeita comunhão, para se tornarem uma só carne*”.

Em casa, os discípulos fizeram perguntas sobre o assunto (v. 10). A eles Jesus responde com maior profundidade: “*Quem se divorciar de sua mulher e se casar com outra cometerá adultério contra a primeira. E se a mulher se divorciar de seu marido e se casar com outro, cometerá adultério*” (v. 11-12). **Nessa resposta**, Jesus reafirma seu compromisso com o projecto da criação – segundo o qual o divórcio não deveria existir – e traz **grande novidade**: a condição de **IGUALDADE** entre o homem e a mulher, afirmando que também o homem

comete adultério ao divorciar-se da mulher se casar de novo. Conforme a Lei, a culpa e as consequências do divórcio recaíam sempre sobre a mulher, que poderia ser até apedrejada. Ao redirecionar a humanidade ao plano da criação, Jesus combate todos os preceitos que geram **DISCRIMINAÇÃO, EXCLUSÃO e MORTE**.

Na **parte final**, o evangelista põe em cena: **AS CRIANÇAS** (v. 13). A ênfase de Jesus e do evangelista nas crianças tem uma “*função didática*” muito específica, sobretudo para a formação dos discípulos. Com efeito, quanto mais se aproximavam de Jerusalém, mais eles alimentavam projectos de poder e sonhos de grandeza. Diante disso, o evangelista insiste em **apresentar as crianças como modelo**, considerando a insignificância que lhes era atribuída na época.

Na **controvérsia** sobre o divórcio, Jesus elevou a mulher à condição de igualdade; agora, com as crianças, **eleva** todas as *categorias de pessoas excluídas* à condição de **PREFERIDOS E PREFERIDAS DE DEUS** (v. 14-15). O gesto de abraçar, abençoar e impor as mãos sobre as crianças (v. 16) enfatiza o amor acolhedor de Jesus pelas pessoas mais necessitadas, que a sociedade considera insignificantes.

5. Meus irmãos e minhas irmãs, inspirado pelo mesmo Espírito e à luz das leituras bíblicas, gostaria de deixar uma mensagem e ao mesmo tempo compromisso com alguns desafios: **olhar, acolher e defender as crianças**.

OLHAR PARA A CRIANÇAS COMO JESUS AS OLHAVA. Jesus queria que as crianças pudessem chegar até Ele sem nenhuma dificuldade. O mundo de hoje oferece muitos embaraços que podem representar desafios para que as crianças cheguem até Jesus e aos benefícios e valores do Reino de Deus.

A falta de exemplo por parte dos adultos, ausência de ensinamentos e o tratamento indevido da espiritualidade nas crianças fazem com que elas deixem de conhecer a Jesus ou que abandonem o relacionamento com Ele à medida que crescem. Crianças necessitam de cuidados, de um olhar atento e de carinho e de quem lhe fale de Jesus. **Convido e apelo** aos nossos secretariados de catequese, aos directores diocesanos da Infância missionária, da Criança da Eucaristia a darem o melhor de si para que as crianças cresçam em “*sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2, 52).

DEFENDER OS DIREITOS DAS CRIANÇAS. O direito primordial da criança é o **direito à vida**, o **direito de nascer** e **nascer dentro de uma verdadeira família**, formada por um determinado homem e uma determinada mulher, que, conseqüentemente, assumem o papel de pai e de mãe. ninguém tem direito, ou autoridade legítima, de decidir se uma determinada criança, sã ou deficiente, pode ou não nascer. Temos diante de nós um desafio permanente: o da defesa da vida e a condenação sem meias medidas do aborto.

A prática do aborto provocado repete o que aconteceu no caso de Caim, que cometeu o primeiro "homicídio premeditado" relatado na Bíblia. E para a Igreja, "toda vida humana, incluindo a vida do nascituro, tem sua dignidade e tem o direito de ser protegido". Na interrupção voluntária da gravidez é suprimido “um ser humano que começa a desabrochar para a vida, isto é, o que de mais inocente, em absoluto, se possa imaginar: nunca poderia ser considerado um agressor, menos ainda um injusto agressor! É frágil, inerme, e numa medida tal que o deixa privado inclusive daquela forma mínima de defesa constituída pela força

suplicante dos gemidos e do choro do recém-nascido. Está totalmente entregue à proteção e aos cuidados daquela que o traz no seio” (Evangelium vitae, 58).

CRIAR ESTRUTURAS DE APOIO E DEFESA DA CRIANÇA NAS NOSSAS PARÓQUIAS E CENTROS. É de suma importância investir, nas nossas **Pastorais Diocesanas e Paroquiais**, em programas para a *Primeira Infância*, que favoreçam o potencial das crianças e ajudem a prevenir comportamentos e situações de risco. Também na luta contra as desigualdades e pobreza, é fundamental o investimento em programas e serviços de atenção integral à *Primeira Infância*, com uma atenção privilegiada aos mais carenciados.

Necessitamos de **dar atenção** ao desenvolvimento físico, psicológico e social da criança. Por isso, há necessidade de se apostar em políticas de luta “**contra a subnutrição**”, com uma alimentação equilibrada e adequada para as crianças; por ambientes que favoreçam a actividade física das crianças e a sua socialização; luta “**contra superstições e crenças**” (caso da acusação de feitiçaria) que põem em perigo a vida das crianças; “**contra os abusos sexuais**”, o trabalho infantil etc. Que as CRIANÇAS **possam crescer, possam brincar, possam ser crianças**, protegidas, amadas, cuidadas.

Em tudo isso, teremos como instrumento orientador a mensagem da CEAST para o triénio 2021 - 2024 em cujo primeiro ano reflectiremos sobre “**As crianças, afirmação de vida**”.

Caros Diocesanos e diocesanas. O dia da Diocese é dia de encontro e de acção de graças, ocasião para celebrar a nossa fé, consolidar a nossa comunhão e animar a nossa esperança. Que Deus, Pai de misericórdia e de bondade continue a abençoar a Igreja de Viana e todos os seus membros. Por intercessão de **Nossa Senhora da Muxima**, Ele conceda a esta diocese os dons do Espírito para que seja fiel no cumprimento da missão que recebeu.